

## 21

## Dois meses antes

## I

Grande confeitaria paulista, ao anoitecer. Clientela numerosa.

Quando Olavo Dias, denodado trabalhador da seara espírita, se aproxima da caixa para efetuar o pagamento de certa compra, surge a atoarda:

— Ladrão! Ladrão! Pega o ladrão! Pega! Pega!

Alia-se um guarda a robusto balconista e agarra pobre homem, extremamente mal vestido, que treme ao apresentar grande pacote nas mãos.

— Ele roubou de um freguês — grita o caixeiro, como que triunfante ao guardar a presa.

Quase todos os rostos se voltam para o infeliz.

O policial apresta-se para as providências que o caso lhe sugere, mas Olavo Dias avança e toma a defesa.

— Não é um ladrão — explica — e não admito qualquer violência.

E no propósito de ajudá-lo, Olavo mente, afirmando:

— E' meu empregado e, decerto, retirou o pacote julgando que me pertencesse.

Enérgico, toma o embrulho, devolve-o ao gerente, pede desculpas pelo engano e afasta-se com o desconhecido, dando-lhe o braço, como se o fizesse a um parente, diante dos circunstantes perplexos.

Dobrando, porém, a primeira esquina, dirige-lhe a palavra, admoestando:

— Ora essa, meu caro! Sou espírita e um espírita não deve mentir. Entretanto, fui obrigado a isso para defendê-lo.

O interpelado mergulha a fronte nas mãos ossudas e explica em lágrimas:

— Doutor, roubei porque tenho seis filhos com fome... Sou doente do peito... Não acho serviço...

— Bem, bem — falou Olavo, comovido —, não estou aqui para fazê-lo chorar.

Condoído, abriu a bolsa, deu-lhe o concurso possível e perguntou-lhe pelo endereço.

O infeliz declarou chamar-se Noel de Souza, deu os nomes da esposa e dos filhos e informou residir nas proximidades da Vila Maria, em modesto barracão.

O benfeitor, realmente sensibilizado, pro-

meteu visitá-lo na primeira oportunidade, e, finda uma semana, ei-lo de automóvel a procurar pela casinha distante.

Depois de algum esforço, localizou-a.

Encontrou a senhora Souza e os seis filhinhos esqueléticos, mas o dono da casa não estava.

Saíra para angariar socorro médico.

Olavo, tocado de compaixão, fez quanto pôde pela família sofredora e, ao despedir-se, ouviu a dona da casa dizer-lhe sob forte emoção:

— Um dia, se Deus quiser, Noel há-de retribuir o senhor por tudo o que está fazendo...

Precisando deixar S. Paulo, em função da vida comercial, Olavo recomendou os novos protegidos a diversos companheiros, e esqueceu a ocorrência.

## II

Decorridos seis meses, Olavo, certo dia, chega apressado ao aeroporto de grande cidade brasileira.

Precisava viajar urgentemente, mas não tem passagem. Arriscar-se-á, no entanto, à aquisição de última hora.

Retendo pequena pasta, procura na multidão um amigo que o precedera, minutos antes,

com o fim de ajudá-lo, até que o vê a pequena distância, acenando-lhe a que se apresse.

O problema está resolvido. Basta que apresente a documentação necessária.

Avança, presto, mas alguém cruza o caminho. Sente-se abraçado numa explosão de ternura.

Olavo tenta quebrar o impedimento afetivo, mas reconhece Noel de Souza e estaca, surpreso.

— Você... aqui?

O amigo está humildemente trajado, mas limpo e alegre.

— Sim, doutor, preciso vê-lo — confirma o interlocutor.

— Agora, não — falou Olavo, contrafeito.

Como se não lhe anotasse o azedume, o outro tomou-lhe o braço e arrasta-o docemente para fora do raio de visão do companheiro que o espera.

— Souza, não me detenha, não me detenha... — roga Olavo, inquieto.

— Escute, doutor, preciso agradecer-lhe...

E como se não lhe pudesse escapar da mão, Olavo escuta-lhe a fala entediado e impaciente. Noel refere-se à esposa e aos filhos e repete frases de gratidão e carinho.

Depois de alguns instantes, Dias, revoltado, desvencilha-se e abandona-o sem dizer palavra. Alcança o amigo, mas é tarde.



O avião não pudera esperar.

Acabrunhado, vê, de longe, o aparelho de portas cerradas, na decolagem.

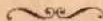
Bastante desapontado, busca Noel de Souza para ouvi-lo com mais atenção, já que perdera a viagem. Entretanto, por mais minuciosa a procura, não mais o encontra.

Dai a quatro horas, recebe trágica notícia.

O aparelho em que disputara lugar caíra de grande altura, sem deixar sobreviventes.

Intrigado, regressa a S. Paulo e corre a visitar a choupana de Noel. Quer vê-lo, abraçá-lo, comentar o acontecimento.

Mas, no lar modesto de Vila Maria, veio a saber que Souza desencarnara dois meses antes.



### Para que discutir ?

Mário Altamirando, ao lado de Vitoriano Siqueira, ouvia admirado os conceitos de Melásio Batista.

O homem parecia inflamado de cóleras sagradas contra a religião.

Batista era familiar de Siqueira, e Mário, recentemente chegado ao conhecimento espírita, assombrava-se ao vê-lo assim passivo ante a agressão moral do parente.

— Tudo não passa de mistificações — clamava Batista, sarcástico —, não se salva ninguém. Por último, apareceu a chamada Doutrina Espírita. Conjuncção de beócios e exploradores. Embusteiros tomam nome de médiums e impressionam tolos de toda a parte.

E com gesticulação peculiar a muitos caçadores, fazia chiste:

— “Apóstolos”, imaginem! Deve ser o mesmo que dizer espertalhões que andam “após... tolos”. Mas vocês estejam certos de que a ciência, dentro em breve, fará a liqui-